

LUÍS FERRAND DE ALMEIDA
(1922-2006):
Desaparece um Grande Mestre da *Escola de Coimbra**

Em 2006/05/29 partiu do nosso convívio o Doutor Luís Manuel Rocha Ferrand de Almeida, lente jubilado do 5.º Grupo (*História*) da FL/UC. Atingido o limite de idade em 1992, o Doutor Ferrand de Almeida continuara a comparecer na S. Escola e a participar nas actividades do *Instituto de História Económica e Social* e na redacção da prestigiada *Revista Portuguesa de História*; só a falta de saúde dos últimos tempos lhe perturbara a assiduidade.

Natural de Coimbra¹, o Doutor Luís Ferrand de Almeida nasceu numa família onde as vocações académicas tinham começado na geração anterior. Seu Pai, **Doutor Ferrand Pimentel de Almeida** (1885-1962), depois de se ter doutorado em *Filosofia e Teologia* na U. Gregoriana de Roma, viria a ser um dos primeiros diplomados em *Filologia Germânica* pela novel FL/UC (bacharel em 1916). Discípulo aqui de Carolina Michaëlis (1852-1925), seguiria carreira na Escola, doutorando-se em 1919 e atingindo o topo (como «professor ordinário») em 1925. Até 1955, ano em que se jubilou, regeu disciplinas de *Língua e Literatura Alemã e Inglesa, Gramática Comparada das Línguas Germânicas* e ainda *Literatura Italiana*. Entre os cargos que desempenhou destaca-se o de Presidente da Câmara Municipal de Coimbra (1938-1941).

Na sua descendência (dez filhos) contam-se, para além de um militar, dois universitários: o agora desaparecido e o **Doutor Francisco Xavier Rocha Ferrand de Almeida**, lente jubilado de Ciências/*Biologia*; este último, por seu turno, é Pai de mais um historiador: o **Dr. André Ferrand de Almeida**, licenciado em *História* pela FL/UC, colaborador do vol. 3 (coord. Joaquim Romero MAGALHÃES) da *História de Portugal*, dir. José MATTOSO² e actualmente doutorando em *História Moderna* no Instituto Universitário Europeu (Florença).

Luís Manuel Rocha Ferrand de Almeida terminou os estudos liceais em 1940 e ingressou de imediato na licenciatura em *Ciências Histórico-Filosóficas* da FL/UC, concluindo o 1.º ano em 1941. Mas CLIO ainda o não seduzira de todo, e no dito ano de 41 requereu transferência para a Fac. de Direito, cursando então a licenciatura respectiva, que concluirá em 1946. Só que de imediato irá retomar *Histórico-Filosóficas*, realizando as últimas disciplinas em 1949.

De 1948 a 1955 será bolseiro do Instituto de Alta Cultura (IAC), na preparação da tese que então coroava a obtenção do grau de licenciado. Nessa qualidade trabalhará em arquivos e bibliotecas de Lisboa, Coimbra e Évora; para além do que, em 1950, uma estadia de três meses em Madrid e Simancas.

Deste último ano a 1955 residirá em Lisboa, exercendo as funções de presidente do um Organismo do (ao tempo) recente ministério das Corporações e Previdência Social. E é a Capital que afinal assiste a um reunir de condições para que a primitiva (e real) vocação se transformasse em definitivo *métier*: em 1953 Ferrand de Almeida frequenta o curso de *Estudos Brasileiros* da

* Agradeço à Ex.mª Senhora D. Maria Cândida Ferrand de Almeida – Irmã do Historiador aqui evocado – e aos Colegas e Bons Amigos Doutora Maria Helena da Cruz Coelho e Doutor Joaquim Romero Magalhães o apoio e os informes que me facultaram durante a elaboração do presente texto.

¹ Uma boa biobibliografia pode encontrar-se em «Luís Manuel Rocha Ferrand de Almeida: Curriculum Vitae», *Revista Portuguesa de História*, 36/1 (2002-2003), pp. 7-14.

Faculdade de Letras / UL (regência do Doutor Mário de Albuquerque [1898-1975]); 1.º classificado, recebe o Prémio correspondente: uma bolsa do Ministério das Relações Exteriores do Brasil para uma estadia de três meses (Julho-Outubro) além-Atlântico e a possibilidade de trabalhar em Bibliotecas e Arquivos do Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional e Mapoteca do Itamarati); na circunstância, conhece pessoalmente Jaime Cortesão³.

De novo em Portugal, Ferrand de Almeida cedo decidirá em definitivo sobre o *S. recto caminho*: o abandono das funções que exercia – e que constituíram, afinal, a sua única e fugaz utilização da licenciatura em *Direito* – e o regresso a Coimbra (Janeiro de 1956), rumo à dedicação plena ao que lhe faltava para se licenciar em *Histórico-Filosóficas*, fará acto de licenciatura em 1957, defendendo a monumental tese *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, vol. I (1493-1700), pouco depois editada e galardoada com o «Prémio João de Barros» da Agência-Geral do Ultramar⁴. A Obra apresenta-se dividida em uma «Introdução» com 5 subdivisões (“O meridiano de Tordesilhas. Viagens e negociações diplomáticas no século “XVI””; “Os limites meridionais do Brasil na cartografia e na literatura histórica e geográfica”; “Bandeiras e limites meridionais”; “O comércio português no Rio da Prata e a situação económica do Brasil”; e “Política de expansão para o sul no século XVII”), 5 capítulos (“A fundação da colónia do Sacramento e as negociações de Lisboa”; “O conflito com a Espanha e o Tratado Provisional de 1681”; “Execução do tratado. Conferências de Elvas e Badajoz”; “A arbitragem do Papa”; e “A questão da Colónia do Sacramento nos fins do século XVII”) e um *Apêndice* de 208 documentos (1533-1700). Trabalho de dimensão invulgar como tese de licenciatura, logo entrado nas *Bibliografias* de disciplinas das licenciaturas em *História*, *A Diplomacia Portuguesa*, até pela cronologia, perfila-se como o que seria o primeiro *painel* de um *díptico*, cujo segundo *painel* faria presumivelmente a *ponte* com o clássico estudo de Jaime Cortesão, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*⁵. Mas no imediato outras prioridades iriam surgir na vida intelectual de Luís Ferrand de Almeida.

No mesmo ano de 1957 inicia funções como 2.º assistente do Grupo de *História* da FL/UC. E assim irá prosseguir uma vida de quase mais meio século de *clerc*. Solteiro – mas longe, bem longe dos azedumes que não raro acompanham o celibato, antes aliando uma aparência de austeridade a uma, afinal, tocante afabilidade –, irá de novo residir na Casa paterna, à Avenida Dias da Silva – o Doutor Ferrand Pimentel morrerá nos anos 60 e S. Mulher, a Senhora D. Cândida Sofia Ribeiro da Rocha, apenas nos anos 90, em avançada idade –, e durante décadas a S. vida decorrerá entre, por um lado, a Casa, a Família e o gabinete de trabalho e, por outro, a Escola, que profundamente amava⁶. Fora do circuito, quinzenalmente em média, os jogos da *sua*

² Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

³ Que só em 1957 tornará de vez à Pátria.

⁴ Coimbra, Faculdade de Letras / Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1957, 588 pp. A sua primeira síntese sobre a colónia do Sacramento pode encontrar-se no artigo «Sacramento, Colónia do», in *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel SERRÃO, vol. III/ME-SIN, reimpr., Lisboa/Porto, Iniciativas Editoriais/Livraria Figueirinhas, 1971, pp. 708-714; a derradeira será o trabalho «Colónia (A) do Sacramento e a formação do sul do Brasil», reed. no vol. cit. *infra*, n. 18, pp. 163-182. Uma bibliografia cabal para o período 1974-1994 pode ver-se em COELHO, Maria Helena da Cruz; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares; CARVALHO, Joaquim Ramos de [Coord.] – *Repertório Bibliográfico da Historiografia Portuguesa (1974-1994)*, Coimbra/Lisboa, Faculdade de Letras/Instituto Camões, pp. 39-40.

⁵ 3 tt., Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1951-1952.

⁶ A este respeito, escreveu Walter de Sousa MEDEIROS: «*Dizem-no austero, reservado, taciturno: mas basta avizinhá-lo para sentir a humanidade profunda do seu coração, a modéstia intelectual do verdadeiro homem de ciência, o zelo pelos*

(*nossa!*) Académica, no Estádio Municipal. Raramente saía de Coimbra para participar em reuniões científicas: as muitas em que participou foram essencialmente na sua ALMA MATER; e a reserva e alheamento face às *pequeninas coisas* também não iriam fazer dele alguém em quem se pudesse sequer pensar para *politiquices* do *milieu*; para além do que, poucas vezes integrou júris noutras Universidades⁷. Pode dizer-se que fora da UC apenas a Academia Portuguesa da História (APH) – onde *ca.* 2000 atingiu a situação de *Académico de Mérito* – lhe despertou algum interesse e lhe motivou alguma assiduidade.

Um tal apego ao trabalho vinha antes de mais de uma preocupação de rigor que fazia de qualquer obra Sua algo exigindo longa e aturada preparação, sendo o resultado normalmente uma verdadeira *peça de joalheria*; ou então um *rendilhado*, como no dizer (nos anos 80) do S. aluno, discípulo e amigo Doutor Joaquim Romero Magalhães; por outro lado, as décadas de 50 e de 60 eram, para qualquer 2.º assistente – sobretudo se em início de carreira –, o tempo de uma pesada sobrecarga de trabalho, com regências e assistências de disciplinas em série, o que tornava precárias as possibilidades de conclusão da tese doutoral no prazo legalmente previsto: 6 anos, e inicialmente sem dispensas de serviço nem prorrogações de contrato... Só, eventualmente, na fase final, uma situação de bolseiro no País pelo então IAC poderia permitir a conclusão do *opus magnum* sem as obrigações de um quotidiano docente; e apenas em 1970 a legislação do ministro Veiga Simão atenuaria a dureza da situação de um doutorando. Daí que Luís Ferrand de Almeida tenha obtido a láurea doutoral somente em finais de 1973; e nos seus cerca de 10 anos de assistente (1957-1963 e 1969-1973) regeu e/ou assistiu disciplinas como *Teoria da História*, *História Geral da Civilização*, *História da Civilização Romana*, *História Medieval*⁸, *História de Portugal*, *História de Portugal I*, *História de Portugal II*⁹, *História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa*¹⁰, *História do Brasil* e outras mais.

Apesar da multiplicidade de tarefas, o Ensino do jovem Ferrand de Almeida ajudou desde logo a marcar o início de uma época outra no então 4.º Grupo da FL/UP. João Paulo Avelãs Nunes, um dos mais profícuos estudiosos da *História* que se fez e se ensinou em Coimbra de 1911 a 1974, pôde escrever, a propósito da evolução do ensino de *História Medieval / História da Idade Média* a partir de 1951: «(...) por iniciativa de Torquato de Sousa Soares, Avelino de Jesus da Costa, Luís Ferrand de Almeida e Maria Helena da Cruz Coelho, o peso da história económica e social é significativamente reforçado, chegando mesmo, em alguns anos lectivos, a constituir a regionalidade mais estudada. Esta valorização (...) não resultou, no entanto, na adopção de uma perspectiva

interesses dos alunos, a preocupação constante pelo saber actualizado» («Doutoramento solene de Maria Helena da Cruz Coelho, José Maria Amado Mendes, Maria Manuela de Bastos Tavares Ribeiro, Fernanda Maria da Silva Dias Delgado Cravidão e Amadeu José de Figueiredo Carvalho Homem», *Biblos*, 70 [1994], p. 563); e Fernando CATROGA: «(...) a aparência de um homem solitário encobre alguém profundamente solidário, qualidade que se revela, também, no modo franco e colaborante como coloca a sua experiência de historiador e os seus vastos e sempre actualizados conhecimentos ao serviço das novas gerações» («Ibid.», p. 575).

⁷ O meu Colega Doutor Aurélio de Oliveira terá sido das raras pessoas a solicitá-lo – com êxito – para júris *fora de portas*; e aí por 1990-1991 o Doutor Ferrand de Almeida participou de facto em dois ou três júris de mestrado em *História Moderna* na FL/UP.

⁸ *História da Idade Média* pela reforma curricular de 1957.

⁹ A bialidade desta disciplina, embora com antecedentes, surgiu com a reforma curricular de 1957. Estes dois níveis passaram a designar-se *História Medieval de Portugal* e *História Moderna e Contemporânea de Portugal*, respectivamente, em 1968.

¹⁰ *História da Expansão Portuguesa* a partir de 1959.

“materialista” da história, mantendo-se, pelo contrário, o predomínio de um idealismo “espiritualista”, ou, em alternativa, de uma quase absoluta indefinição teórica. Abordaram-se temas como o regime senhorial e os laços de vassalagem no seio da nobreza; o desenvolvimento do artesanato e do comércio e o surgimento das corporações; o crescimento das cidades na Baixa Idade Média e o movimento de autonomização e de auto-governo municipal face ao poder régio e aos poderes senhoriais; as políticas económicas de vários governantes; os interesses de diversos grupos sociais e a conflitualidade sócio-política (tendo a expressão “classes sociais” sido utilizada algumas vezes); as crises económicas e as suas consequências sociais, culturais e políticas; as motivações e as consequências económicas e sociais das Cruzadas; a evolução da economia mercantil mediterrânica ao longo de toda a Idade Média (...), etc. A linha interpretativa seguida parece ter sido a da história económica e social clássica, por influência directa de autores como Henri Pirenne, M. Rostovtseff, F.-L. Ganshof, Charles Verlinden e Yves Renouard, explicitamente referidos. Marc Bloch, um dos símbolos da primeira geração da “Escola dos Annales”, foi também citado por Torquato de Sousa Soares (em 1953/1954) e por Luís Ferrand de Almeida (em 1957/1958)¹¹; sobre a então *História da Expansão Portuguesa* (1959-1961), pôde dizer o seguinte: «(...) Ferrand de Almeida introduziu algumas temáticas novas e, sobretudo, reforçou o peso atribuído (...) à história económica e social: condicionalismos nacionais, europeus e mediterrânicos (...) da expansão portuguesa (com relevo para aspectos de história económica e social, nomeadamente através do estabelecimento de laços explicativos entre a crise do séc. XIV, 1383-1385 e o “arranque” da estratégia expansionista); análise problematizante da personalidade e da actuação do Infante D. Henrique (comparando as propostas de vários historiadores, entre os quais Vitorino Magalhães Godinho); explicação pela opção da conquista de Ceuta e caracterização da administração portuguesa das “cidades-fortaleza” do Norte de África (...); colonização da Madeira e dos Açores (...); reconhecimento e exploração económica do litoral ocidental africano; transformações culturais e mentais ocorridas na sociedade portuguesa em resultado do processo colonizador. Parece, pois, tratar-se de uma abordagem não-“metódica”, menos (ou mesmo não) influenciada pela ideologia colonialista oficial do Estado Novo, apoiada (também) nos estudos de historiadores e ensaístas marginalizados e/ou politicamente perseguidos (como Jaime Cortesão, António Sérgio, Magalhães Godinho, Barradas de Carvalho, etc.) e na nova praxis historiográfica representada pela nouvelle histoire¹²».

Fernando Catroga, por seu turno, analisando a S. prática didáctica na disciplina de *Teoria da História*¹³, aponta a importância da clássica *Introduction de Langlois / Seignobos* como «referência obrigatória», complementada por autores de obras de cariz «manualístico» (Halphen, Bernheim, Bauer, Halkin, Harsin); o hoje também clássico volume *L'Histoire et ses Méthodes* (dir. Ch. Samaran) fará a sua aparição na *Bibliografia* logo em 1961/62. E não faltarão também o Febvre dos *Combats*, o Bloch da *Apologie* ou o Marrou de *De la connaissance*. De onde, a importância do conceito de *fonte*, do problema das lacunas documentais e do «papel da compreensão na reconstituição (e construção) dos factos históricos»¹⁴; na abordagem das «várias fases do processo de investigação», a

¹¹ *História (A) Económica e Social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O historicismo neo-metódico: ascensão e queda de um paradigma historiográfico, 1911-1974*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1995, pp. 105-106. Ferrand de Almeida regeu ou assistiu esta disciplina entre 1957 e 1959.

¹² *Op. cit.*, p. 131.

¹³ «Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira no Ensino de Teoria da História», *Revista Portuguesa de História*, 36/2 (2002-2003), pp. 125-134. Ferrand de Almeida assegurou as aulas práticas desta disciplina (criada pela reforma curricular de 1957) de 1958 a 1963, cabendo a regência ao Eminentíssimo Mestre que se chamou Sílvio Lima (1905-1993). Fernando Catroga utilizou como fonte as cadernetas de *Sumários* referentes aos anos lectivos em causa.

¹⁴ «Op. cit.», pp. 126-127.

utilização, como referenciais, de autores como Pierre David, Herculano, Alberto Pessoa, J. Honório Rodrigues, C. Bloch, P. Renouvin, A. Silva Rego, G. Marañón, etc.; e o intuito de diluição de problemáticas como “A História como descrição e explicação”, “o papel da hipótese”, “o alargamento do conceito de fonte”, “a colaboração das disciplinas” ou “a História, ciência do Homem”. E continua: «*De tudo isto, conclui-se que, embora as lições metodológicas de Langlois e Seignobos fossem a base, Luís Ferrand de Almeida corrigia-as e completava-as com ensinamentos de orientações antipositivistas [sic], como a querer significar que o progresso do saber historiográfico caminha, não por rupturas radicais, mas por integrações e reformulações*»¹⁵. A «preocupação em corrigir o conceito positivista [sic]¹⁶ de fonte histórica» levava a temáticas/problemáticas como as paisagens rurais e aéreas ou a filmotecas, fonotecas e mapotecas, para além dos arquivos; de onde, a valorização do diálogo *História/Geografia* ou a chamada de atenção para a (entre nós) emergente *História Económica e Social* (e, conseqüentemente, a relação entre a História, as Ciências e a Sociologia); daí a abertura a uma visão social (e não singular) da disciplina e aos métodos quantitativos, particularmente em Demografia; nítida também – mormente em 1962/63 – a abertura à ainda mais recente – *História das Mentalidades*, com referenciais como J. Huizinga, L. Febvre, J. Palou, G. Duby. E a fechar: «*não será excessivo concluir que Luís Ferrand de Almeida tinha intenção de consolidar nos alunos a ideia de que, na linha dos ensinamentos dos Annales, o saber histórico era uma “ciência do Homem”, de vocação totalizadora e, conseqüentemente, aberta à colaboração interdisciplinar*»¹⁷.

Novamente bolseiro do IAC a partir de 1961, de 1963 a 1969 estará em tal situação em tempo pleno. E voltarão as Bibliotecas e os Arquivos do País e de além-fronteiras (Madrid, Simancas, Paris); fez ainda fotografar fundos do Rio de Janeiro e do British Museum.

*A Colónia do Sacramento na época da Sucessão de Espanha*¹⁸; tal é o título da tese que Luís Ferrand de Almeida defendeu na Sala dos Capelos em Novembro de 1973. Integraram o júri os

¹⁵ «Op. cit.», p. 127.

¹⁶ Não posso deixar de estranhar a utilização, por um Autor da geração de Fernando Catroga, de conceitos como «positivismo» / «antipositivismo» em *História da Historiografia* «stricto sensu», isto a propósito do que vem sendo chamado «escola metódica» francesa. Julgo que, nesta matéria, a lição de Ch.-O. Carbonell está viva e bem viva; e entre nós vejam-se, entre outros, os trabalhos de José M. Amado Mendes e João Paulo Avelãs Nunes, ambos da «Escola de Coimbra», por sinal. Atente-se ainda nestas passagens de uma excelente biobibliografia de Marc Bloch (1886-1944): «*Gustave Bloch, le père de Marc, (...) a été historien de l'Antiquité romaine. Sa carrière s'épanouit à partir de 1870, bénéficiant du grand essor de l'histoire universitaire: c'est le moment de la professionnalisation définitive des historiens, avec une méthode rigoureuse comme charte de leur métier. La Revue Historique, fondée en 1976, a pour règle la recherche des faits bruts et concrets, leur description "positive", à l'encontre des systèmes fumeux et des idéologies importunes. Mais la description, et même l'observation attentive ou la critique des sources ne peuvent pas conférer à l'histoire la même scientificité qu'aux sciences "dures" qui dégagent des lois, expliquent et comprennent synthétiquement les choses selon le projet proprement "positiviste" posé par Auguste Comte. C'est pourquoi la plupart des historiens restent empiriques et fiers de l'être, à l'époque où Seignobos et Langlois rédigent leur Introduction aux études historiques (1898) (...). (...) à partir de 1903, un véritable clivage sépare en France la sociologie de l'histoire (...). Placés face au défi des sciences dures, vraiment positivistes, les sociologues revendiquent trop l'unité et la scientificité des sciences sociales, sous leur propre direction (...), tandis que les historiens se replient un peu fileusement sur leur discipline, modestement descriptive, et sur un scepticisme de bon aloi, dont Seignobos est un bon exemple. C'est de cette histoire "historisante" que Lucien Febvre fait une critique très dure*» (BARTHÉLEMY, Dominique – «Marc Bloch», in SALES, Véronique [Coord.] — *Historiens [Les]*, Paris, Armand Colin, 2003, pp. 86-87 e 89). É claro que a formação filosófica de base de F. Catroga pode servir de *travão* à perplexidade dos leitores de formação histórica estrita. E uma boa pergunta: Ferrand de Almeida alguma vez terá falado de «Historiografia positivista» nas suas aulas ou escrito tal coisa nos seus *Sumários*?...

¹⁷ «Op. cit.», p. 128.

¹⁸ Coimbra, Faculdade de Letras / Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1973, 540 pp.

Doutores Jorge Borges de Macedo (UL, 1921-1996), António Cruz (UP, 1911-1989), Joaquim Veríssimo Serrão (UL), Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), Torquato de Sousa Soares (1903-1988), Salvador Dias Arnaut (1913-1995) e Avelino de Jesus da Costa (1908-2000). Após três dias (28, 29 e 30 de Novembro) de provas (discussão da tese e dois interrogatórios sobre pontos sorteados), o candidato foi aprovado «com distinção e louvor» por unanimidade. Mais um espesso volume, *A Colónia do Sacramento* acabou por ser apenas uma parte do longo projecto que Ferrand de Almeida formulara, em sequência à tese de licenciatura. Como escreveu no *Prefácio* a este livro doutoral, «*O volume I de A Diplomacia Portuguesa e os Limites Meridionais do Brasil (...) era, fundamentalmente um estudo de história diplomática, embora esta tenha sido considerada numa ampla perspectiva, sem nunca perder de vista os factores de diversa natureza que, de uma ou outra forma, a condicionariam. (...) não insistimos então, (...) nos aspectos sociais, económicos e administrativos da Colónia do Sacramento e das relações dos Portugueses com a região platina. (...) Ficava sempre aberto o caminho para uma investigação mais aprofundada desses aspectos e é o que fazemos na presente obra (...). Ao mesmo critério obedeceu a organização do apêndice documental, onde quase só publicamos textos de carácter administrativo e económico; os de interesse predominantemente político e diplomático (...) reservamo-los para imprimir no volume II de A Diplomacia Portuguesa – se algum dia chegarmos a escrevê-lo...*»¹⁹. A estrutura do volume bem ilustra as palavras recém-transcritas do *Prefácio*: uma «Introdução» («Sucessão de Espanha, equilíbrio europeu e comércio americano»), seis capítulos («Colónia do Sacramento: da ocupação militar à “política dos casais”; “Da prata peruana ao gado uruguaio”; “O comércio dos couros”; “A Colónia e os problemas internacionais nos princípios do século “XVIII”; “A Colónia e a Sucessão de Espanha [1700-1702]”; e “A Colónia e a Sucessão de Espanha [1702-1705]”) e uma «Conclusão»; a fechar, um apêndice de 156 documentos (1684-1706). O plano de fundo foi assim só parcialmente concretizado na tese de doutoramento, mas seria ainda prosseguido em livros e artigos dos anos 80 e 90.

Esta Obra – muito, muito *a leste* das preocupações do *nacional-comemorativismo descobri-mentista* do período 1986-1995 – tem sido pouco citada e ainda menos lida. Mas importaria nela atentar: o seu lugar num *ranking* da Historiografia Portuguesa da segunda metade de Novecentos é indiscutível.

Ultrapassados alguns episódios menos agradáveis do ano lectivo de 1974/75, a carreira foi prosseguindo: no Outono de 1978 o Doutor Ferrand de Almeida prestou provas públicas de concurso para professor extraordinário; e três anos depois atingiu a cátedra.

Os anos 80 veriam entretanto surgir os cursos de mestrado, sendo a área de *História Moderna* uma das pioneiras na FL/UC. O Doutor Ferrand de Almeida esteve desde o primeiro momento na regência de Seminários de *História Económica e Social*, tendo orientado diversas teses; o que, entretanto, lhe trazia uma contrariedade: como o S. Seminário era à 2.^a feira e queria examinar escrupulosamente tudo o que iria apresentar, via-se por vezes ‘obrigado’ a faltar ao futebol...

Também a evolução na carreira dos assistentes das áreas de *História Moderna* e de *História Contemporânea* do Instituto de História Económica e Social²⁰ lhe prendeu a atenção: em maior ou menor grau, estão-lhe ligados os doutoramentos de José Maria Amado Mendes e Margarida Sobral Neto, entre outros.

¹⁹ *A Colónia...*, p. XI.

²⁰ Designação, a partir de 1975, do antigo Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos.

Quanto a publicações de maior tomo, os anos 80 e 90 veriam ainda surgir:

- a) O volume *Alexandre de Gusmão, o Brasil e o Tratado de Madrid (1735-1750)*²¹. Preparada numa das suas raras licenças sabáticas, a Obra acaba por constituir o derradeiro painel do (afinal) *tríptico* iniciado com *A Diplomacia* e continuado com *A Colónia*; encontra-se dividida em 4 capítulos (“Antecedentes históricos: o ‘território’ da Colónia do Sacramento e outros problemas”; “O conflito de 1735 e as suas consequências”; “Preparação e negociação do Tratado de Madrid”; e “O papel de Alexandre de Gusmão e a importância do Tratado”), seguidos de um breve apêndice documental.
- b) A recolha de artigos *Páginas dispersas. Estudos de História Moderna de Portugal*²², volume este editado pela Escola pouco tempo decorrido sobre a S. jubilação. Contém nove textos, vindos originariamente a lume entre 1962 e 1992. Na sua diversidade, este volume é bem um *mostruário* pleno da Obra do Historiador: com efeito, para além de (mais) um trabalho sobre a Colónia do Sacramento²³,
- i. tanto encontramos um texto no domínio da História das Técnicas²⁴ e mais dois no domínio específico das culturas e das técnicas agrícolas²⁵,
 - ii. como textos sobre problemas políticos²⁶, institucionais²⁷, sociais²⁸ e culturais²⁹ do Portugal joanino; num Autor de Obra multifacetada, e onde o *opus magnum* se apresenta qual *tríptico*, uma recolha de artigos como a presente só pode ser qualificada de *preciosa*.
- c) E o retorno a um interesse que despertara já nos anos 60: as relações entre Portugal e a Polónia³⁰. A esta temática consagrou diversos outros artigos³¹ e, aquando da S. elevação a *Académico de Mérito* da APH, um longo estudo eminentemente centrado no século XVIII, fundado em abundante documentação inédita³².

²¹ Coimbra, INIC / Centro de História da Sociedade e da Cultura – UC, 1990, 68 pp.

²² Coimbra, Faculdade de Letras / Instituto de História Económica e Social, 1995, 262 pp.

²³ Cf. o terceiro trabalho cit. *supra*, n. 4.

²⁴ «Inovações técnicas no tempo de D. João V: o Engenho do Pinhal do Rei», pp. 1-36; e «Marinha e progressos técnicos nos princípios do século XVIII: um construtor naval francês em Portugal», pp. 153-161.

²⁵ «Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII», pp. 59-129; e «Sobre a introdução e a difusão do milho mais em Portugal», pp. 229-259.

²⁶ «Autenticidade (A) do “Testamento Político” de D. Luís da Cunha», pp. 37-58.

²⁷ «Absolutismo (O) de D. João V», pp. 183-207.

²⁸ «Motins populares no tempo de D. João V», pp. 131-151.

²⁹ «D. João V e a Biblioteca Real», pp. 209-228.

³⁰ Cf., de S. autoria, «Polónia, Portugal e a», in *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel SERRÃO, vol. III/ME-SIN, reimpr., Lisboa/Porto, Iniciativas Editoriais/Livraria Figueirinhas, 1971, pp. 410-415.

³¹ V.g. «Prince (Le) Casimir de Pologne et les antécédents de la Restauration au Portugal», sep. de *Antemurale*, 17, Roma, 1974; «Portugal e a Polónia na segunda metade do século XVII», sep. de *Biblos*, 63 (1987); e «Portugal e a Polónia», in *Imagem da Polónia*, Lisboa, IBL, 1992, pp. 9-16.

³² Aguardando publicação pela APH.

Olhando globalmente os dois volumes *majora* e os dois *minora*, tudo acrescido da multiplicidade de artigos e outros estudos, recolhe-se uma impressão talvez inesperada, mas que se me afigura indescartável (e não estou sozinho neste meu opinar): há algo de *braudeliano* no conjunto da Obra de Luís Ferrand de Almeida. Porquê?

- Pelo modo como decididamente encara a totalidade do Brasil meridional e da Colónia, num enlace harmonioso entre a abordagem da evolução económica e administrativa do Continente sul-americano, do Brasil e da região platina e dos problemas políticos e diplomáticos da Colónia do Sacramento;
- depois, pelo tempo longo (1493-1705 para o conjunto das duas teses) e – sobretudo – pelos espaços vastos sobre que trabalha;
- finalmente, pelo seu nunca perder de vista do «*contexto político europeu e americano*»³³.

Uma tal qualificação colocará Ferrand de Almeida num *patamar* até agora nunca apontado na Historiografia portuguesa recente. Mas ao exarar aqui a hipótese do *braudeliano* do Autor, estou como que a lançar um desafio aos estudiosos da lusitana CLIO: nestes alvares de um novo século que ainda conheceu, Luís Ferrand de Almeida é inequivocamente um Historiador *a reler*. *E a descobrir*.

* * *

Esta evocação tem à partida um carácter *científico*: lembrar um Grande Mestre que partiu, ainda que o signatário não seja cultor da mesma época e intervenha aqui como historiador da Historiografia que também é. Mas tem igualmente uma dimensão de *gratidão pessoal*: em princípios de 1985, o Doutor Ferrand de Almeida, como Director do *Instituto de História Económica e Social* da FL/UC, teve a amabilidade de me convidar a proferir uma conferência na S. Escola, no âmbito de um Ciclo comemorativo do 6.º Centenário das Cortes que, em Coimbra, *fizeram* um Rei; aceitei entusiasticamente, como é óbvio: a menos de um ano de me doutorar, era a primeira vez que alguém me convidava para falar noutra Universidade que não a minha; e nesse Ciclo intervieram também o Doutor Salvador Dias Arnaut, o Doutor Pedro Dias e a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho; para além, naturalmente, do próprio Doutor Ferrand de Almeida, a abrir e encerrar as sessões e a apresentar os conferencistas.

Ferrand de Almeida esteve assim, e portanto, num momento marcante da fase pré-doutoral da minha carreira. E esse dia 2 de Maio de 1985, em que pela primeira vez se me deparou o ensejo de usar da palavra perante Mestres e Escolares da FL/UC, bem que me trouxe «*uma demonstração nova do cabimento* [de um] *prolóquio velho*»³⁴, que depois, longamente, pude continuar a constatar: «ninguém é profeta na sua terra»...

Porto, 08 de Junho de 2006

Armando Luís de Carvalho HOMEM

³³ *A Colónia...*, p. XI.

³⁴ RIBEIRO, Fernando de Almeida – *Doutoramentos em Coimbra: impugnação de cinco teses*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1951, p. 30; respeitou-se a ortografia do original.

ILUSTRAÇÕES



1. Corpo Docente e Finalistas da FL/UC em 1920, recém-restaurados os *hábitos talares* dos lentes.

1.^a fila, da esq. para a dir.: Doutor Aristides de Amorim Girão (1895-1960), Doutor Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944), Doutora Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos (1860-1941; antigo lente de Teologia e ao tempo Director da FL/UC, segura uma borla com as cores, mescladas, de Teologia e Letras, i.e., branco e azul-escuro, respectivamente) e 2 lentes não-identificados; 2.^a fila, da esq. para a dir.: Doutor Joaquim de Carvalho (1892-1958), Doutor João da Providência de Sousa Costa (1893-1965) e Doutor Anselmo Ferraz de Carvalho (1878-1955; lente de Ciências/*Geologia*, que durante diversos anos regeu disciplinas na FL/UC, particularmente *Geografia Física*); depois dos 3 estudantes do sexo feminino, vemos: Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977), Doutor João Maria Tello de Magalhães Collaço (1893-1931; lente de Direito, regeu diversas disciplinas na FL/UC, com destaque, nestes anos [1915-1921], para *História das Religiões*); segue-se, em 2.^o plano, um lente não-identificado; depois, em 1.^o plano, o **Doutor Ferrand Pimentel de Almeida (1885-1962)**; por último, em 2.^o e em 1.^o planos, mais 2 lentes não-identificados. Obs.: Esta foto foi pela 1.^a vez publicada na biografia que Mons. Moreira das NEVES dedicou ao Cardeal Cerejeira (anos 30); a presente cópia foi-me facultada pelo Dr. António M. M. Nunes, a quem agradeço.



2. Casamento do Doutor Ferrand Pimentel de Almeida com D. Cândida Sofia Ribeiro da Rocha: Pombal de Ansiães, 1921/09/15

[Espólio familiar, cópia cedida pela Ex.mª Senhora D. Maria Cândida Ferrand de Almeida, a quem penhoradamente agradeço; registre-se o pormenor da *toilette* do noivo: hábito talar com insígnias]



3. Corpo Docente (parte dele...) e Finalistas da FL/UC em 1933

1.ª fila, da esq. para a dir.: Doutor Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), Doutor Sílvio Vieira Mendes de Lima (1904-1993), Doutor Joaquim de Carvalho (1892-1958), Doutor Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944), Doutor Ferrand Pimentel de Almeida (1885-1962), Doutor João da Providência de Sousa Costa (1893-1965) e Doutor Vergílio Correia (1888-1944).

Fonte: RODRIGUES, Manuel Augusto [Dir.] – *Memoria Professorvm Vniuersitatis Conimbrigensis: 1772-1937*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1992, p. 355.



4. Doutor Ferrand Pimentel de Almeida (1885-1962)

Fonte: A mesma da ilustração anterior, p. 363.



5. Luís Ferrand de Almeida aos 3 anos (como escreveu S. Irmã: «já gostava de ler»)

[Espólio familiar, cópia cedida pela Ex.^{ma} Senhora D. Maria Cândida Ferrand de Almeida, a quem penhoradamente agradeço]



6. Luís Ferrand de Almeida em 1955

[Espólio familiar, cópia cedida pela Ex.mª Senhora D. Maria Cândida Ferrand de Almeida, a quem penhoradamente agradeço]



7. Cinco doutores em *Letras* recipiendários de insígnias na UC, com os respectivos «apresentantes» e o Reitor (Biblioteca Joanina, 1993, Nov.)

Da esq. para a dir.: **Doutor Luís Ferrand de Almeida** (1922-2006; «apresentante» do seguinte); Doutor José Maria Amado Mendes; Doutor António de Oliveira («apresentante» da seguinte); Doutora Maria Helena da Cruz Coelho; prelado universitário Doutor Rui Nogueira Lobo de Alarcão e Silva (em funções entre 1982 e 1998); Doutora Maria Manuela Bastos Tavares Ribeiro; Doutor José Sebastião da Silva Dias (1916-1994; «apresentante» da precedente e do seguinte); Doutor Amadeu José de Figueiredo Carvalho Homem; Doutor Jorge Manuel Barbosa Gaspar (da UL, «apresentante» da seguinte); e Doutora Fernanda Maria da Silva Dias Delgado Cravidão. [Foto cedida pela Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, a quem profundamente se agradece]



8. Luís Ferrand de Almeida em 1997, no jardim da antiga residência familiar, à Av. Dias da Silva

[Espólio familiar, cópia cedida pela Ex.m^a Senhora D. Maria Cândida Ferrand de Almeida, a quem penhoradamente agradeço]



9. Doutor António de Oliveira e Doutor Luís Ferrand de Almeida

Fonte: *Revista Portuguesa de História*, vol. duplo (36/1-2) de homenagem aos 2 Mestres retratados (2002-2003).

Luís Ferrand de Almeida
Maio / 85

10. Autógrafo de Luís Ferrand de Almeida (anos 80)

(Pormenor da dedicatória de uma separata oferecida ao autor deste trabalho)

Juan José Carreras Ares (1918-2006)

El lunes día 4 de diciembre los historiadores españoles sufrimos una irreparable pérdida con el fallecimiento del profesor Juan José Carreras Ares.

Juan José ha sido uno de los principales introductores de los estudios de historiografía en la universidad española. Maestro de varias generaciones de historiadores, su muerte representa, sin duda, la desaparición del historiador español con una de las más profundas concepciones de la historiografía en la segunda mitad del siglo XX. Gallego por nacimiento y sentimiento, Juan José había nacido hace 78 años en La Coruña.

Huérfano de padre republicano y galleguista, tras la Guerra Civil se vio obligado a emigrar a Madrid siendo todavía un adolescente. Allí cursaría la carrera de *Filosofía y Letras* doctorándose en 1954 en la Universidad Central. Tras defender su tesis doctoral, Juan José encontró acogida en la Universidad de Heidelberg, donde el historiador Werner Conze, uno de los introductores de la historia social en la República Federal Alemana, fundaría un seminario de historia económica y social del que Juan José formó parte. Fue allí, en Heidelberg, donde Juan José llegó a ser, en el espacio de una década, un profundo conocedor de la historia y la historiografía alemanas.

De vuelta a España, y tras ejercer algunos años como catedrático de *Historia* del Instituto Goya de Zaragoza, Juan José desempeñó finalmente la cátedra de *Historia Contemporánea* de esa Universidad, área en la que ejerció una de las más importantes influencias desde los años setenta. Sin duda, el desarrollo de esta área en España debe a Juan José una dirección intelectual fuera de toda duda. Sin embargo, sus intereses historiográficos nunca se limitaron al estudio de los dos últimos siglos. Su formación en historia antigua y medieval y su interés por los estudios filosóficos y literarios siempre le acompañaron. Su «Prólogo» al Tomo II de la *Historia de Roma* de Theodor Mommsen (Madrid, Aguilar, 1955), probablemente su primera publicación, no ha perdido nada de la profundidad y claridad con las que fue

escrito. Sus principales escritos, que fueron recopilados en 2000 por Carlos Forcadell bajo el título de *Razón de Historia* (Madrid, Marcial Pons), están en su mayoría relacionados con la historiografía y la historia intelectual. En ellos Juan José era capaz de abordar problemas de la historiografía de los dos últimos siglos remontándose a textos y problemas medievales e incluso clásicos, muy lejos de la mayoría de los escritos de historiografía al uso. Y es que su capacidad para representar el cambio en la historia de la historiografía estaba a la altura de los mejores especialistas internacionales. Juan José fue, además, el historiador español que mejor conocía la obra de Marx, como bien lo prueba el estudio que publicó en *Hispania. Revista Española de Historia*, en 1968, titulado «Marx y Engels, 1843-47. El problema de la Revolución», un impresionante artículo cercano a las cien páginas, que desgraciadamente no ha tenido la publicidad que merece.

Yo tuve la fortuna de conocer a Juan José, primero como profesor, después director de tesis, y finalmente compañero de Departamento. A lo largo de todo este tiempo, su influencia la he sentido muy cercana, constante y provechosa. Recuerdo con especial cariño las conversaciones y confidencias en las que evidenciaba su calidad humana e intelectual. Ya no lo veremos sentado en los Consejos de Departamento pero a todos nos queda el recuerdo de un gran maestro y un buen amigo. Hasta siempre, querido Juan José.

Gonzalo Pasamar Alzuria
(Universidad de Zaragoza)

(Texto recibido por Armando L. de Carvalho Homem,

PERCURSOS DE UM HISTORIADOR – Francisco Ribeiro da Silva

O Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva, professor catedrático do Departamento de História desta Faculdade, alcançou a aposentação da função pública em Julho de 2006, depois de terminada a sua função como Vice-Reitor da Universidade do Porto.

Depois de ter sido aluno brilhante do curso de História da FLUP, o Prof. Francisco Ribeiro da Silva ingressou como assistente da FLUP no ano lectivo 1975/76, percorrendo a partir daí todos os patamares da carreira académica, com doutoramento em História Moderna e Contemporânea, em 31 de Janeiro de 1986, e provas de agregação em 22 e 23 de Abril de 1993. Em 21 de Janeiro de 1994 era empossado como professor catedrático.

Sempre se revelou como um professor dedicado ao ensino, delicado para com todos, respeitado por todos.

Paralelamente, desempenhou múltiplos cargos de gestão na Faculdade: presidente do CD, Vice-presidente do CC, integrou o Senado da UP, realizou dois mandatos como vice-reitor da UP, no âmbito de cujo cargo se tornou no primeiro Provedor do Aluno, cargo então criado.

Foi presidente de secção de História e o Primeiro Presidente do Departamento de História, aquando da sua criação em 2000-2001.

O Prof. Francisco Ribeiro da Silva foi também um investigador, com obra vasta e reconhecida na historiografia portuguesa e na comunidade académica, participando em múltiplas instituições científicas. É autor de múltiplos trabalhos e de acções de investigação que prestigiaram o DH, a FLUP e a UP.

O DH e a FLUP não poderiam deixar de assinalar este facto, dando de imediato continuidade àquilo que um investigador deixa sempre, ou seja, reflectir sobre a sociedade, neste caso em perspectiva histórica, retomando as linhas de investigação sobre as quais se debruçou e com as quais continuará a colaborar com o Departamento.

Com efeito, o Prof. Francisco Ribeiro da Silva apresenta uma larga bibliografia centrada sobre a história das instituições e do poder na época moderna e a sua envolvente económica, social e cultural. Essa obra articula-se essencialmente sobre o caso do Porto e suas relações nacionais e internacionais, mas os seus estudos sobre temática municipal, actividades económicas ou expressão cultural alargam-se ao Norte de Portugal. A sua tese de doutoramento, intitulada *O Porto e o seu Termo (1580-1640). Os Homens, as Instituições e o Poder*, apresentada em 1986, tornou-se uma obra de referência para os estudos de administração municipal, repercutindo-se essa matriz em obras de outros historiadores mais jovens.

Na sua produção multifacetada, Francisco Ribeiro da Silva abriu novas interpretações sobre o período filipino e o papel do Estado no poder local, analisou o papel dos representantes locais nas Cortes, produziu novas leituras sobre os forais, debruçou-se sobre as manifestações populares (*Motins do Porto em 1757*) e sobre grupos de pressão (Maçons, Católicos e Autarcas), estudou percursos de pessoas (Coronel Hélder Ribeiro), de grupos de actores sociais (deputados de 1911, oficiais administrativos e judiciais, os despachantes, os pilotos...) e de instituições privadas (Hospital da Lapa). Prestou atenção aos fenómenos culturais e às mentalidades, tendo publicado estudos relevantes sobre a alfabetização, a história da educação, a assistência. E dedicou uma atenção particular ao estudo dos vinhos do Douro e Porto (no âmbito do GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Portuense, de que foi coordenador).

Como orientador de investigação, sensibilizou muitos alunos de pós-graduação para as suas áreas de eleição, sendo reconhecíveis as marcas inspiradoras do seu labor historiográfico em vários trabalhos de historiadores mais recentes.

Reflectir sobre a sua obra foi um dos actos de homenagem que o DH encontrou para lhe manifestar a gratidão e reconhecimento pelo seu labor enquanto universitário e investigador, organizando para isso o Colóquio “Percurso de Um Historiador – Francisco Ribeiro da Silva”, nos 8 e 9 de Outubro de 2006, ao qual acorreram colegas e amigos. Teve o seguinte programa:

Dia 8 de Outubro de 2006

10H - Abertura

TEMA 1 - História dos vinhos do Douro e Porto

Presidência da mesa – Aurélio de Oliveira

António Barros Cardoso - *Francisco Ribeiro da Silva e os estudos de História do Vinho*

Philippe Roudié - *Trois décennies de dialogues savants et amicaux en sciences humaines entre portugaises et aquitains*

Aurora Gámez Amian – *Las exportaciones de vinos por el puerto de Málaga entre 1724 y 1780*

Javier Maldonado Rosso - *Carácter y actitudes de los cosecheros del Marco de Jerez en la transición a la vinatería moderna*

15H30

TEMA 2 - Dinâmicas Sociais e Culturais

Presidência da mesa – João Francisco Marques

Jorge Martins Ribeiro – *Sociedade e cultura na obra de Francisco Ribeiro da Silva*

Amélia Maria Polónia da Silva – *Dinâmicas urbanas em comunidades portuárias*

Luís Grosso Correia - *A encruzilhada da história da alfabetização*

Dia 9 de Novembro de 2006, 10 horas

TEMA 3 - História dos Concelhos e Municipalismo

Presidência da mesa – A. L. de Carvalho Homem

Luís Miguel Duarte – *Francisco Ribeiro da Silva, os concelhos, os forais e a administração.*

José Viriato Capela – *Municípios, paróquias e vintenas, poderes em concorrência na administração local portuguesa do Antigo Regime*

Romero de Magalhães – *História municipal dos impérios português e espanhol*

Pausa para almoço

15 horas

TEMA 4 - História Local e História do Porto

Presidência da mesa – Eugénio dos Santos

Amândio Barros – *Olhar o Porto segundo a bibliografia de Francisco Ribeiro da Silva*

Manuel Luís Real – *A experiência do Prof. Ribeiro da Silva no Arquivo Municipal e a abertura de novos horizontes para o acesso e divulgação dos documentos*

Luís de Oliveira Ramos – *Perspectivas sobre a cidade do Porto – da história local à história de Portugal*

António Nóvoa - **Intervenção**

Encerramento

20 horas – Jantar de confraternização

Também a biblioteca da Faculdade organizou como “Destaque do Mês”, a mostra que designou de “A Obra do Prof. Ribeiro da Silva na Historiografia Portuguesa”, procedendo a um inventário entretanto colocado na Biblioteca Digital da FLUP.

Serão publicados, no decorrer do próximo ano, um livro antológico, com artigos escolhidos, bem como as actas do colóquio.

Entretanto, foi aprovado em Conselho de Departamento o pedido de atribuição da medalha de ouro da FLUP.

Jorge Fernandes Alves